



ADIAR O FIM DO MUNDO



Claudia Andujar, *Balsas ilegais na área Yanomami*, da série *Consequências do contato*, 1989

Foto: Divulgação

Arte, pensamento e cosmologia em tempos de colapso: mostra na FGV Arte, Rio de Janeiro, reúne saberes ancestrais e grandes nomes de diferentes regiões e gerações da arte brasileira: Adriana Varejão, Ayrson Heráclito, Berna Reale, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Denilson Baniwa, Ernesto Neto, Guignard, Hélio Oiticica, Jaider Esbell, Nádía Taquary, Sandra Cinto, Sebastião Salgado, Siron Franco e Tunga. A curadoria é de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff

Ao coincidir com o período da COP30, a exposição *Adiar o fim do mundo*, com curadoria de Paulo Herkenhoff e Ailton Krenak, articula arte, ecologia e filosofia em torno de um enunciado que é, ao mesmo tempo, uma advertência e um convite: adiar o fim do mundo é reinventar o presente.

Inspirada na produção e no pensamento de Krenak, pensador indígena, escritor e ativista ambiental, membro da Academia Brasileira de Letras, a exposição reúne mais de 100 obras de diferentes períodos e contextos culturais, com técnicas e suportes que abordam as urgências da crise ambiental, o legado do colonialismo, o racismo estrutural e os modos de resistência dos povos originários e das comunidades tradicionais.

Mais do que uma metáfora, *Adiar o fim do mundo* é uma proposição estética e política que entende a arte como instrumento de reencantamento do mundo e de reconstrução das relações entre humanos e natureza.

“Não se trata de uma exposição sobre o fim, mas sobre a continuidade da vida”, afirma Herkenhoff. “A arte aqui é compreendida como um território de insurgência e imaginação, capaz de propor novas alianças entre corpo, natureza e espírito. O diálogo com Krenak nos convida a repensar o lugar da arte dentro de uma ecologia da existência.”

“Adiar o fim do mundo é um exercício de imaginação e de escuta”, observa Krenak. “Enquanto insistirmos em olhar o planeta como um objeto a ser explorado, seguiremos acelerando o colapso. A arte, ao contrário, nos chama a ouvir a Terra e a reconhecer que ela também sonha, sente e fala.”

Entre os nomes reunidos pelos curadores estão Adriana Varejão, Alberto da Veiga Guignard, Aluísio Carvão, Anna Maria Maiolino, Ayrson Heráclito, Berna Reale, Camille Kachani, Cildo Meireles, Claudia Andujar, Denilson Baniwa, Evandro Teixeira, Hélio Oiticica, Ivan

Camille Kachani, *Cocos*, 2021

Foto: Divulgação



Ernesto Neto, *Teia do Bicho Tempo, Quark!*, 2024

Foto: Divulgação





Sebastião Salgado, *Monte Roraima*

Grillo, Jaider Esbell, Jaime Lauriano, Marcos Chaves, Nádia Taquary, Niura Bellavinha, pajé Manoel Vandique Kaxinawá Dua Buse, Rodrigo Braga, Sandra Cinto, Sebastião Salgado, Siron Franco, Thiago Martins de Melo, Tunga e muitos outros.

A coletiva inclui também 11 obras comissionadas, concebidas especialmente para a mostra, dos artistas Cabelo, Cristiano Lenhardt, Daniel Murgel, Ernesto Neto, Hugo França, Keyla Sobral, Rosana Palazyan, Rodrigo Bueno, Souza Hilo e do coletivo de artistas indígenas Apinajé.

O projeto ocupa todos os espaços da FGV Arte – instalações e jardins comissionados na esplanada e nos pilotis, além de obras na galeria principal –, estabelecendo um percurso imersivo em diálogo com a arquitetura modernista e o entorno da cidade. A exposição se amplia com ações educativas, oficinas e programas públicos que refletem a dimensão formativa e comunitária do projeto.

Entre as iniciativas paralelas, a mostra contará com cursos profissionais e livres sobre arte, ecologia e cosmológica; um programa educativo que conta com a

participação da educadora Gleyce Kelly Heitor, acompanhado de um caderno de atividades desenvolvido pelo artista Gustavo Caboco; e a segunda edição do *Festival Criar Mundos*, voltado para crianças e jovens.

O projeto inclui, ainda, um abrangente programa de visitação e formação de público, com mais de 100 escolas públicas já agendadas, oficinas mensais com artistas participantes e uma oficina especial com os indígenas Apinajé.

Durante o período da exposição, a FGV Arte promoverá o ciclo de conferências *“Antropoceno e Emergência Climática: quando a ciência e a arte se encontram”*, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Blanche Marie Evin da Costa, coordenadora de Desenvolvimento Acadêmico da FGV Arte. O programa reunirá especialistas nacionais e internacionais para debater, sob diferentes perspectivas, os desafios da crise climática contemporânea.

*“Essa exposição
propõe um deslocamento:
o humano volta a ser
parte de um ecossistema
simbólico e espiritual”*

Paulo Herkenhoff

Para Herkenhoff, o encontro entre arte contemporânea e pensamento indígena é um gesto de deslocamento epistemológico. *“A modernidade ocidental construiu a ideia de humanidade como centro do mundo. Essa exposição propõe um deslocamento: o humano volta a*

Denilson Baniwa, *A revolta das Jubartes*, 2023

Foto: Pedro Agilson



Tonico Lemos Auad,
Sermão aos Peixes
Foto: Divulgação



ser parte de um ecossistema simbólico e espiritual. O diálogo entre artistas como Hélio Oiticica e Denilson Baniwa, por exemplo, revela essa trama entre corpo, política e natureza”, reflete o curador.

Krenak conclui com um alerta poético e provocador: *“Precisamos inverter o discurso da sustentabilidade, abrir fendas na lógica. Se o pensamento racional não dá conta de salvar o planeta, talvez o gesto poético possa”.*

Assim, *Adiar o fim do mundo* afirma-se como um manifesto visual pela vida em tempos de crise, em que a arte atua como linguagem de resistência, gesto de esperança e convocação ao cuidado com a Terra – organismo vivo, casa comum e horizonte possível.

SOBRE A FGV ARTE

Localizada na sede da FGV, em Botafogo, no Rio de Janeiro, a FGV Arte é um espaço voltado para a valorização, a experimentação artística e os debates contemporâneos em torno da arte e da cultura, que procura incentivar o diálogo com setores criativos e heterogêneos da sociedade.



Thiago Martins de Melo,
Ogum senhor das lutas do sul global
Foto: Divulgação

Divide-se em três eixos principais: exposições, publicações e atividades educacionais acadêmicas e práticas. Tem como curador chefe o crítico Paulo Herkenhoff.

*“Se o pensamento racional
não dá conta
de salvar o planeta,
talvez o gesto poético
possa”.*

Ailton Krenak

SERVIÇO

Adiar o fim do mundo

Até 21 de março de 2026

FGV Arte – Esplanada da Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, nº 186, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ
Tel.: (21) 3799-5537

Dias/Horários: de terça a sexta, das 10h às 20h;
sábados e domingos, das 10h às 18h

Entrada gratuita

Classificação livre

<https://portal.fgv.br/fgv-arte>



De cima para baixo:
Ricardo Ribemboim, *Urubu*;
Adriana Varejão, *Nascimento Ondina*, 2009;
Anna Maria Maiolino, *Instalação Here & There*, 2012
Fotos: Divulgação